

Educar para a Paz¹

SVI SHAPIRO

Professor do Departamento de Liderança Educacional e Fundamentos Culturais,
Escola de Educação, Universidade de North Carolina em Greensboro, USA.

Traduzido por Eliana Aizim

RESUMO Neste artigo entende-se a violência como existente em todos os aspectos da cultura, incluindo não só danos físicos mas também encontrando-a estruturada nas relações diárias entre as pessoas – em todos os lugares onde os seres humanos são tratados de forma instrumental, exploradora ou manipuladora. Argumenta-se que as escolas não evocam o problema da violência, mas, ao invés disso, são lugares onde muitas vezes se enfatizam interesses acadêmicos limitados e uma cultura de competição e submissão. O autor argumenta que é preciso uma ampla visão holística que eduque as crianças como ser moral, social e espiritual. São sugeridas várias áreas para a busca de uma pedagogia da paz, incluindo o repúdio às noções absolutistas da verdade, a importância da justiça social e da dignidade humana, a afirmação significando algo além daquilo que é oferecido pelo consumismo ou dogmatismo religioso, a transformação da cultura de competição e escassez e o saber crítico dos meios de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE Educação para a Paz; Cultura da Violência; Pedagogia Holística; Mudança Social

ABSTRACT In this article violence is understood as existing in every aspect of culture including not just through physical harm but structured into the everyday relations between people – in all those places where human beings are treated in instrumental, exploitative or manipulative ways. Schools, it is argued, do not address the problem of violence but instead are increasingly places that emphasize narrow academic concerns and a culture of competition and conformity. The author argues that what is needed is a broad holistic vision that educates children as moral, social and spiritual beings. Several areas are suggested for pursuing a pedagogy of peace including rejecting absolutist notions of truth, the importance of social justice and human dignity, affirming meaning beyond that offered by consumerism or religious dogmatism, transforming the culture of competition and scarcity, and critical media literacy.

KEYWORDS Peace Education; Culture of Violence; Holistic Pedagogy; Social Change

A Insidiosa Cultura da Violência

Atualmente a violência é muito mais do que atos de terror ou brutalidade individual ou mesmo coletiva. Ela insinua-se pelo próprio tecido da cultura, invadindo nossos pensamentos e sensibilidades e pervertendo a natureza da vida cotidiana. A globalização acaba com os elos da comunidade e os modos de viver e trabalhar desenvolvidos ao longo das gerações. Rompe e destrói a estrutura da confiabilidade, da interdependência e da sociabilidade sobre as quais depende a vida humana normal e viável. Ao lado das maravilhas e dos poderes extraordinários encontrados na mudança tecnológica, existe uma realidade mais sombria. É aquela que torna as massas de seres humanos dispensáveis e substituíveis por máquinas e que está tornando nosso meio ambiente cada vez mais inóspito para a vida contínua na terra. O capitalismo consumista invade cada aspecto de nossa vida desperta (bem como de nossos sonhos) com sua mensagem de dinheiro e materialismo. Sob sua influência, cada aspecto de nossa natureza

humana se torna uma mercadoria à venda. Os seres humanos aprendem a ver a si e aos outros como atores tentando passar uma boa impressão e apresentando-se da maneira mais atraente, bem-sucedida ou convincente possível. A sociabilidade torna-se motivo para jogos e estratégias. A ética capitalista define nossas vidas cada vez mais em torno de um interesse pessoal egoísta. Em todas as áreas sociais, crianças e adultos são instados a ver a si próprios e às suas necessidades como foco único de suas preocupações. Outras pessoas passam a ser vistas como obstáculos às nossas próprias buscas, quer seja na rua, no trabalho, na escola e até mesmo em nossos relacionamentos pessoais íntimos. E a presença do individualismo competitivo infiltrado em nossas vidas induz a uma interação humana cada vez mais caracterizada pela agressão e pela comparação invejosa. Nosso mundo se torna um lugar onde rapidamente nos tornamos objeto da inveja alheia, do despeito ou até da intenção criminosa. (SACKS, 2000, p. 29-30).

Como resultado, devemos ver a violência como algo que existe além daqueles atos visíveis de injúria física. A violência está presente na própria maneira como tratamos uns aos outros – em situações circunstanciais no nosso trabalho, escola, família, esporte e em nossa vida social. Está presente onde quer que tratemos ou vejamos os outros como seres para serem explorados, feitos invisíveis, aliados, manipulados, objetificados, tramados, manobrados, ridicularizados, intimidados ou enganados. E por outro lado, devemos também reconhecer que a resistência à violência também cresce, dando-nos esperança de que a brutalidade e destruição não é nosso destino fatal. Quem não vai se lembrar, por exemplo, dos acontecimentos excepcionais que testemunhamos recentemente no Cairo, onde jovens insistiram energicamente pelo caminho da não-violência ao enfrentar com sucesso uma cruel ditadura.

Para que a Educação?

Como é estranho que, quando falamos de educar nossas crianças, tão pouco disso tudo parece entrar em nosso discurso público ou privado. Neste momento, nada é mais importante aos seres humanos do que nossa necessidade por um mundo mais sereno, menos violento (e violência aqui entendida em todas as suas manifestações). Já quando os pais, políticos ou educadores falam sobre as necessidades de nossas crianças, questões sobre paz raramente fazem parte da pauta. Naturalmente, dado o temor às pistolas e aos tiroteios nas escolas, segurança é uma preocupação, e os planos para detectar e procurar armas, bem como a necessidade de monitoramento e aconselhamento psicológico adequado aos estudantes são uma prioridade. Já a questão da violência é considerada, no caso, somente da forma mais limitada e paliativa. Raramente vai além da preocupação imediata para procurar os perpetradores potenciais e a segurança do prédio. Onde, podemos perguntar, estão as exigências por um engajamento mais intenso com nossos alunos a respeito de violência em nossa sociedade e em nosso mundo? Onde está o programa que procura explorar a presença do comportamento violento entre os seres humanos e as possibilidades de criar culturas mais pacíficas e não-antagônicas? Onde estão as oportunidades para jovens questionarem em que dimensão sociedades como a nossa investem recursos tão significativos no desenvolvimento de armas de guerra, e por que há tanta gente neste mundo engajada em atividades militares?

De um lado, certamente, não é difícil ver a maneira como as escolas arriscam timidamente ao envolver os jovens em assuntos que interessam diretamente às suas vidas como futuros cidadãos. Tais assuntos “relevantes” dão origem inevitavelmente a preocupações de ordem social, moral e

política, que quase certamente geram pontos de vista apaixonados, e tocam crenças enraizadas em convicções familiares, comunitárias e religiosas. Ainda, se formos levar a sério o papel da educação na sociedade democrática, as salas de aula devem realmente tornar-se lugares onde assuntos potencialmente controversos, que revelem valores e perspectivas conflitantes, possam ser debatidos e interrogados de forma crítica. Uma visita a praticamente qualquer classe do segundo grau logo deixa claro o tédio e o distanciamento que a instrução, em sua maior parte, tem produzido, pois os alunos encontram pouca coisa em sua educação no dia a dia que fale a respeito de assuntos de interesse imperioso ou de engajamento apaixonado. A maior parte das emoções geradas em sala de aula hoje é resultado do medo e da ansiedade dos estudantes no que diz respeito aos pontos ou às notas dos testes, mais do que aquela que é produzida quando os alunos são solicitados a refletir a respeito, e lutar com as questões realmente cruciais que enfrentam os seres humanos no mundo de hoje. Até mesmo quando questões morais ou sociais são levantadas pelos professores, elas são invariavelmente abordadas com a mesma atitude puramente instrumental que os alunos usam para resolver uma equação algébrica ou analisar uma frase de linguagem. (SHAPIRO, 2006)

Fábricas de Submissão

A ideologia da submissão moral e social não é de forma alguma a única força que hoje modela a educação de formas tais que excluem um sério interesse com questões de guerra, violência e desumanização. O ensino é cada vez mais controlado pela mania de resultados mensuráveis, de um desempenho objetivamente avaliado e de testes padronizados (KOHN, 2004). Estimulados pelo pâ-

nico de critérios em queda e de responsabilidade insuficiente, os políticos, líderes empresariais e outros têm conduzido nossas escolas para que se tornem fábricas de provas em que somente as coisas quantificáveis têm algum valor curricular real. E o regime que enfatiza a medição constante do sucesso do aluno é que molda a vida de nossas crianças. As consequências impiedosas disso tudo estão agora bem documentadas. Os estudantes encaram uma pressão sempre crescente para serem bem sucedidos num ambiente competitivo de “hothouse”. Não é nenhuma surpresa encontrarmos crescentes sinais de tensão e ansiedade entre o pessoal jovem.² Cada vez mais professores são forçados a fazer da sala de aula um local onde a prova de desempenho é a principal atividade. Exercícios e preparação para as provas ocupam muito tempo da classe. A rigidez deste processo afasta alguns dos melhores e mais criativos professores que estão procurando algo mais estimulante e humano em seu trabalho. E o que é mais triste é que este regime de responsabilização demonstrável esvazia o ensino de qualquer coisa que não possa ser medido e provado de uma forma padronizada. O resultado é um programa de estudos que se torna cada vez mais estreito e tolhido, eliminando qualquer coisa que possa demandar dos estudantes respostas mais complexas, interpretativas ou imaginativas. As artes e outras formas de atividade criativa tornam-se marginalizadas ou inteiramente deixadas de lado. Ou elas também devem ser transformadas em formas de aprendizado ‘objetivas’ e mais rigidamente estruturadas. Na sala de aula, cada vez há menos tempo para aquelas coisas que dependem de diálogo, discussão e do desenvolvimento de relações sociais respeitadas e tolerantes. Em outras palavras, aquelas habilidades e disposições que são necessárias para uma vida cívica engajada e com reciprocidade. A sala de aula torna-se um lugar cada vez

menos interessado nos estudantes como seres holísticos, educando os indivíduos na totalidade de suas vidas como pessoa moral, intelectual, imaginativa e espiritual. Neste sentido, o objetivo da educação para a paz que objetiva educar os alunos na plenitude de sua humanidade é negada pelo enfoque limitado e estritamente definido que hoje em dia dominam nossas escolas. A chamada para o enfoque da paz em nossa educação é necessariamente uma chamada para re-imaginar o próprio caminho em que nós educamos nossos jovens, longe do merecimento e das formas restritas que dominam nossas salas de aula presentemente.

Grande parte da reforma educacional dos últimos anos tem sido dirigida de acordo com a demanda empresarial por uma força de trabalho preparada e adequadamente treinada. Frequentemente, somos informados que nosso futuro econômico como estado e nação depende das escolas produzirem indivíduos com as habilidades necessárias pelos empregadores corporativos. De várias maneiras, homens de negócios trabalhando em conjunto com políticos dirigiram o “trem” da reforma educacional nos Estados Unidos ajudando a formatar e definir os objetivos e a finalidade da educação. Quer a Casa Branca ou a Casa do Estado esteja sendo ocupada por Democratas ou Republicanos, existe um amplo consenso que a maior prioridade da educação escolar é garantir produtividade crescente e competitividade econômica. À luz disto, é fácil ver porque, por exemplo, matemática e ciências recebem muito maior ênfase do que outras áreas do programa de estudos. Ou porque, no ensino superior, a educação geral ou liberal é cada vez mais suplantada pelo foco em habilidades e conhecimentos. De fato, a universidade se tornou cada vez mais um complemento de negócios nos seus financiamentos, objetivos de pesquisa e foco curricular (GIROUX, 2007). Não é difícil perceber

o porquê da noção de que a educação diz respeito ao trabalho em primeiro lugar e de que as oportunidades vocacionais ou profissionais devem encontrar apoio mais amplo dentro da comunidade. Certamente, hoje se compreende porque os pais estariam preocupados com as perspectivas futuras de emprego para seus filhos. Para a maioria de nós, a segurança do adulto depende da aquisição dessas habilidades que podem prometer um emprego no futuro e um rendimento digno. A instabilidade e a rapidez nas mudanças da situação econômica mundial fazem com que as preocupações dos pais sejam ainda maiores. Contudo, ao definir a educação desta maneira limitada, algo muito importante está sendo perdido. Isto é, uma visão maior da educação que fala a nós, cidadãos de uma sociedade democrática. Quando a educação fica reduzida ao simples processo de nos preparar para o trabalho, ela nega nosso papel como seres que têm responsabilidade moral de ajudar a dar forma e determinar o mundo em que todos nós vivemos. A educação que só trata de emprego e trabalho representa uma visão truncada do que significa ser humano. Ignora o fato de que os seres humanos devem aprender a viver e cuidar uns aos outros, em nossas famílias, comunidades, nação e globalmente. A educação nada diz sobre nossa responsabilidade de sustentar a terra. E nada oferece que nos ensine como nós, coletivamente, e respeitando nossas diferenças, somos capazes de determinar e gerir nosso mundo compartilhado. Em resumo, uma visão educacional que só trata de preparação e treinamento para o trabalho se baseia numa compreensão empobrecida do que significa ser humano.

Uma Visão Holística

Educar para a paz é sempre um processo holístico. Significa reconhecer que se os seres humanos

devem se mover em direção a um modo de existência menos violento, mais cooperativo e cuidadoso, será necessário um amplo desenvolvimento de todas as nossas potencialidades. Vai demandar mudança e desenvolvimento em nossa consciência social e nossa capacidade de raciocinar; em nossa vida consciente como criaturas de corpo e alma; em nossa consciência e sensibilidade; e em um despertar ou ampliação de nossa consciência espiritual. O tipo de educação sobre a qual as escolas estão agora centradas é praticamente incapaz de produzir tal mudança. A ênfase no desempenho e nos resultados mensuráveis conduz à negação da relevância de algo que não pode ser imediatamente transformado em dados quantificáveis. Uma educação empiricamente orientada pode ter pequena relevância na busca por uma mudança moral e espiritual com sua natureza mais intangível, mas, não obstante, crucial. Nem pode referir-se a uma educação que diga respeito à nossa vida emocional com suas qualidades interiores e complexas. A tentativa de reduzir a experiência humana a uma série de testes irreais se apoia numa versão simplista, caricatural, da complexidade individual. E pode haver alguma dúvida quanto ao conflito entre uma educação padronizada com sua ‘única resposta certa’ e uma educação que procura incentivar um questionamento de uma única verdade, desafiando-a, e uma avaliação de múltiplas formas de compreender o mundo e nossas vidas?

Seis Fontes da Violência

É preciso dizer que qualquer abordagem à educação para paz está sujeita a ser confusa. Envolve múltiplas abordagens, intervenções e iniciativas educacionais. Não há ‘medida única que serve a qualquer processo’. Mesmo desprovido dessa mistura de possíveis direções para produzir mudanças

entre os jovens, longe da violência, ódio, preconceitos e equívocos, eu acredito que existam alguns conceitos e princípios compartilhados. Deixe-me tentar, resumidamente, enumerá-los a seguir:

1. Sou de opinião que geralmente um conflito violento acontece quando as pessoas interpretam sua compreensão do mundo como a única correta e aceitável; todas as outras são heréticas ou perigosas e devem ser combatidas e rejeitadas. O que se segue é uma visão de mundo maniqueísta, que divide o mundo entre aqueles que têm as crenças certas e todos os outros que os ameaçam. Com isso, não há o reconhecimento de que a ‘verdade’ de uns pode ser parcial e que outros podem ter alguma compreensão, conhecimento ou crenças que são dignos de respeito. Nem há o reconhecimento de que a verdade e a sabedoria evoluem e se modificam. Ao invés, só há firmeza intransigente e autoritária no que este grupo acredita neste lugar e neste momento. Alicerçar-se nesta ideia é uma intolerância e desrespeito por qualquer outra cultura e modo de vida que, mais cedo ou mais tarde, com certeza, vai explodir em raiva e conflito.
2. Eu cheguei a acreditar, também, que a invisibilidade dos seres humanos é uma forma certa para a frustração e o ressentimento que, inevitavelmente, vai resultar em raiva e conflito aberto. Por invisibilidade estou me referindo à incapacidade de apreciar e validar plenamente a presença de outros seres humanos. São ignorados ou passados despercebidos, exceto nas maneiras mais limitadas e exploradoras, sob o olhar dos outros. Na ponta final deste fenômeno, a própria humanidade de um grupo é retirada ou negada. Nestas situações, os seres humanos foram frequentemente ensinados a ver e acreditar que seu próprio mérito e valor é muito menor que o dos outros. A invisibilidade representa muitas vezes

uma forma de violência silenciosa, mas não menos traumática, perpetrada por um grupo de seres humanos sobre outro. Além de nossas necessidades materiais, existe uma profunda imposição para sermos reconhecidos na totalidade de nossa humanidade, sermos vistos e reconhecidos pelos outros como seres de valor incondicional. O anseio em possuir sua própria humanidade confirmada, em face de uma recusa às vezes violenta, está na raiz, acredito, de tantas lutas e conflitos na história.

3. Creio que o problema da invisibilidade é o aspecto de maior dimensão de injustiça social e de dominação dos seres humanos por aqueles que detêm mais poder. Esta dominação sempre é, de alguma forma, um processo violento. Seja através da utilização ostensiva de poder para manter o controle sobre a vida dos outros, ou através de uma forma de privação econômica menos direta; a injustiça social sempre desfigura e debilita a dignidade humana e limita a capacidade de viver a vida plenamente. Não existe nenhum condutor de raiva e conflito maior do que a desigualdade social. A história nos ensina que a injustiça social está sempre acompanhada de alguma forma de violência, que visa a suprimir o desejo humano por respeito e dignidade e debilita ou destrói a possibilidade de uma vida decente para si e aos outros que são parte de uma família ou comunidade. Frequentemente, somos testemunhas da violência usada contra aqueles que lutam para buscar a realização de seus direitos humanos e democráticos. Uma violência que geralmente produz, por sua vez, uma intervenção e uma resposta violenta daqueles que não mais aceitarão a privação, humilhação e negação continuada de sua humanidade. Vivemos num mundo profundamente amedrontado pela injustiça social e desigualdades profundas

nas condições de nossas vidas. Não pode haver paz global que subsista enquanto tais disparidades continuem, e onde pobreza, fome, doença e desnutrição significam que muitos devem apenas sobreviver.

4. Injustiça social, dominação e invisibilidade estão ligadas a outro fenômeno que fatalmente se conecta ao comportamento violento – a cultura da competição. Esta competição é tipicamente sustentada pela ‘narrativa’ da escassez, que nos diz que a vida é uma corrida e que, a fim de conseguirmos as coisas que acreditamos devermos ter, temos que competir agressivamente contra os outros que estão correndo atrás da mesma coisa. Como resultado, a comparação invejosa rege tudo em nossas vidas. A inveja pelo que os outros têm controla grande parte da maneira como pensamos e sentimos. Nós nos consideramos num estado de constante falta ou inadequação, e sempre ameaçados pelo que os outros têm ou são. A implacável propaganda de competição (encontrada por toda parte em nossas vidas, mas em nenhum lugar com maior influência do que em nossas escolas) é um catalisador por estar sempre vendo os outros como nossos inimigos. ‘Eles’ são pessoas que querem nos fazer mal, nos explorar ou manipular, privar-nos do que é nosso, nos aviltar. E sempre em benefício deles. Num mundo permeado por esta visão de mundo competitivo, torna-se muito difícil ver ou imaginar o planeta no qual compaixão e conexão, no lugar de medo e desconfiança, delineiam as relações humanas.
5. Os seres humanos são impelidos por necessidades que vão além dos desejos materiais. E o sofrimento que se transforma em raiva envolve não apenas a falta dos recursos que possam nos garantir uma vida digna e confortável mas também a possibilidade de uma vida com significa-

do. Sabemos que a significação é tão essencial ao bem-estar humano e o sentido de que a vida vale a pena ser vivida e sustentada quanto a disponibilidade de recursos materiais. Dor e angústia certamente podem vir da privação material, mas também são o produto do vazio espiritual (LERNER, 2006). Destituída de profundo significado e finalidade, a vida se torna rapidamente uma jornada de desespero. E o desespero fornece terra fértil tanto para a raiva que se volta para dentro, como depressão e autodestruição, como para a raiva que está voltada para fora, num mundo que parece oferecer só frustração desmedida. Vivemos num mundo onde há poderosas forças que minam e corroem as fontes autênticas da expressão: a globalização do capitalismo, consumismo e uma ética de hiperindividualismo, tudo contribui para uma profunda crise de expressão. Em tal mundo, afirmações combativas de crenças religiosas ou manifestações agressivas de identidade nacional e étnica oferecem consolo de identificação convincente para aqueles que se sentem à deriva num mar de inutilidade.

6. Finalmente, somos confrontados por estruturas e instituições que florescem no maquinário de guerra. Interesses econômicos e políticos se beneficiam enormemente quando as pessoas são ensinadas a acreditar que estão sempre sob ameaça e que devem dar seu apoio incondicional àqueles interesses. O resultado nos Estados Unidos é um complexo político-industrial-militar que engendra orçamentos militares que distorcem maciçamente as prioridades e os investimentos da nação. Mais do que isso, nossos cidadãos são educados para acreditar que numa situação depois da outra, guerra e força militar são a solução necessária para os problemas globais. E, conforme acontecimentos recentes provaram, estamos sujeitos à decepção, engano e manipulação

daqueles que lideram o ‘estado de segurança nacional’, muitas vezes instigados por uma mídia condescendente, que vai garantir apoio em massa para políticas de destruição e morte, intervenções estrangeiras e coerção imponente. Somos ensinados repetidas vezes a aceitar a narrativa de um inimigo implacável que compreenderá e responderá exclusivamente à linguagem da força sangrenta. Acrescenta-se o modo como a intenção nacional – numa época em que tudo o mais parece uma questão de interesse próprio individual – começa a ser fundamentada na glória e no sacrifício dos militares da nação.

A Mudança é Possível?

A resposta mais curta para essa pergunta é sim. Mas mesmo que fosse não, ainda assim, com certeza valeria a pena tentar. Uma resposta mais ampla pode começar com a história bíblica do Êxodo – pelo menos da maneira como o eminente cientista político Michael Walzer conta (WALZER, 1985). Ele argumenta que a bíblia oferece dois pontos de vista muito diferentes sobre mudanças humanas e sociais, e cada um deles tem suas repercussões no discurso contemporâneo e nas teorias de mudança social. Um brota das imagens apocalípticas da bíblia: uma batalha final entre as forças do bem e do mal, a revelação súbita do poder divino, a divisão do mundo entre aqueles que se transformam e se salvarão e o restante, que deve desaparecer da terra. Não é difícil ver a ressonância desta fábula em movimentos políticos revolucionários com seu intento de derrubar o mal existente e o regime opressivo e substituí-lo por um ‘novo mundo’ de homens e mulheres modificados, liberados da mentalidade e dos comportamentos da época anterior. Em contraste, Walzer descreveu o Êxodo do Egito. Nele, o fim da escravidão não foi o resultado de um úni-

co acontecimento apocalíptico. Nem foi um episódio que ocorreu num momento do tempo. Ao invés disso, a libertação da escravatura foi um processo longo e lento, de tentativa e erro, momentos de desilusão e desespero, bem como de esperança e possibilidade. Liberação aqui envolveu tanto aspectos internos como externos. Certamente envolveu mudança de um regime político e econômico que mantinha as vítimas sob seu controle. Também significava liberação das crenças interiorizadas de que nenhum mundo era viável senão aquele no qual foram criados. Este último era um processo muito mais lento de mudança psicológica e emocional. Os dois tipos de mudança não eram fatos completamente separados. Uma dialética de causa e efeito os ligava. Assim como os fatos externos mudavam, também poderia haver mudanças de crença, sentimento e perspectiva. E mudanças nesta última também poderiam aprofundar a convicção a respeito da necessidade de diferentes tipos de estruturas e relacionamentos sociais.

Acredito ser boa a metáfora do Êxodo de Walzer, pois podemos abordar a questão da possibilidade de se progredir para um mundo menos violento, formado por menos guerra e militarismo. Não podemos esperar que aconteça uma mudança desta magnitude num único momento de mudança. Na realidade, é algo que acontece como parte daquilo que o crítico social inglês Raymond Williams (1961) uma vez chamou de uma 'longa revolução', uma revolução que acontece nas práticas e políticas de nossas instituições, em nossas relações sociais e, não menos importante, no coração das pessoas. Meu ponto de vista de educação para a paz não faz nenhuma distinção absoluta entre mudanças de conhecimento e mudanças de consciência. Acredito que a educação para a paz é ao mesmo tempo uma tarefa que demanda um entendimento crítico, uma ética de justiça e compaixão e uma iden-

tificação espiritual da natureza inviolável e preciosa da vida humana, bem como a teia do ser que conecta toda a vida. Como educadores, não podemos considerar nosso trabalho como o único catalisador da referida alteração.³ Mas, através deste mesmo símbolo, os educadores certamente poderão fazer uma importante contribuição a esta revolução – através do que escolherem para ensinar e dos métodos que empregarem, do tipo de relacionamentos que criarem em nossas escolas e salas de aula e do tipo de modelos que oferecerem àqueles que são seus alunos.

NOTAS

1 Este artigo é um extrato de meu novo livro, *Educating Youth for a World Beyond Violence: A Pedagogy for Peace*, Palgrave-Macmillan, 2010. Apareceu pela primeira vez em Tikkun (edição online), Março de 2011.

2 No Reino Unido este elevado nível de ansiedade conduziu a apelos bem divulgados para uma mudança de direção, afastada da ênfase em provas de alta participação: 'Taxas alarmantes de tensão, ansiedade e depressão entre os jovens', 20/01/2009 (<http://www.stressmanagement.co.uk/news/2009/Jan/alarming-rates-of-stress,-anxiety-and-depression-amongst-the-young.html>); *AnxietyUK* (<http://www.anxietyuk.org.uk/about-anxiety/young-people-and-anxiety/>).

3 Este é muitas vezes o caso em que nós esperamos que a educação por si só resolva nossos problemas sociais.

REFERÊNCIAS

GIROUX, Henry. *The University in Chains*. Boulder, Colo.: Paradigm, 2007.

KOHN, Alfie. *What Does It Mean to be Well Educated?* Boston: Beacon, 2004.

LERNER, Michael. *The Left Hand of God*. New York: HarperCollins, 2006.

SACKS, Jonathan. *The Politics of Hope*. London: Vintage, 2000.

SHAPIRO, Svi. *Losing Heart*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2006.

_____. *Educating Youth for a World Beyond Violence: A Pedagogy for Peace*. New York: Palgrave-Macmillan, 2010.

WALZER, Michael. *Exodus and Revolution*. New York: Basic Books, 1985.

WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. London, UK: Chatto and Windus, 1961.